

## **APESAR DE TUDO!**

### **Apresentação**

Texto escrito por Karl Liebknecht poucos dias antes de seu assassinato nas mãos da social-democracia alemã. A dramaticidade do texto revela os terríveis momentos que levaram ao final da tentativa de revolução social pelo proletariado alemão ao final da Primeira Guerra Mundial. Liebknecht denuncia as traições da social-democracia, provocando o isolamento dos elementos revolucionários, aliando-se com a burguesia, que encontrou neste agrupamento político o instrumento para massacrar a revolução social dos trabalhadores.

O texto serve como aprendizado histórico da força do proletariado ao reconhecer nele próprio sua força transformadora, ainda que tardia, pois as ilusões com a social-democracia só se desfazem com o suceder dos acontecimentos. Liebknecht nos diz que se a burguesia francesa precisou encontrar no seu próprio seio os elementos para exterminar a Revolução de Paris, a burguesia alemã encontrou na social-democracia o instrumento perfeito para semear o fim da revolução social entre elementos que se diziam adeptos da própria revolução. Por outro lado, a derrota da revolução social empurra a humanidade para o lodo histórico do nazismo e do militarismo, que crescem sob as condições de radicalização numa sociedade que quer se emancipar, mas que se vê confrontada pelos elementos conservadores e reacionários.

Importa ressaltar o otimismo militante com que Liebknecht anuncia que existem derrotas que apontam invariavelmente para vitórias futuras, pois o aprendizado é o que se pode levar adiante naquele momento. Conscientes da importância do relato de Liebknecht, divulgamos seu texto, na esperança de que mais iludidos reconheçam prontamente o caráter contrarrevolucionário da social-democracia.

### **Apesar de tudo!**

Assalto geral contra Spartakus!

Morram os Espartaquistas! Gritam por todas as partes.

Agarrem-os! Fustiguem-os! Empalem-os! Atirem neles! Preguem-os! Chutem-nos!  
Façam-os em pedacinhos!

Cometem barbaridades que eclipsam as abominações das tropas Alemãs na Bélgica.

“Spartakus foi vencida!” A alegria toma conta de toda a imprensa, do Pöst a Vörwarts.

“Spartakus foi vencida!” E os sabres, os revólveres e as carabinas da polícia germânica reestabelecida, juntamente com o desarmamento dos operários revolucionários, asseguram sua derrota.

“Spartakus vencida!” Sob as baionetas do coronel Reinhardt, as metralhadoras e os canhões do general Luttwitz, devem celebrar as eleições para o Parlamento Nacional – um plebiscito para Napoleão-Ebert.

“Spartakus vencida!” Sim! Os operários revolucionários de Berlim foram derrotados! Sim! Mortos uma centena dentre os melhores deles! Sim! Encarcerados em centenas entre os mais resistentes!

Sim! Os derrotaram! Porque foram abandonados pelos marinheiros, os soldados, os guardas de segurança, o exército popular, com os quais contavam com a ajuda. E suas forças foram paralisadas pela indecisão e covardia dos seus dirigentes. E submergiram na imensa onda de lodo contrarrevolucionário dos elementos atrasados do povo e da classe possuidora.

Sim! Foram derrotados! E era uma necessidade histórica que fossem derrotados!

Porque, todavia, o tempo ainda não tinha chegado. Mas, contudo, a luta era inevitável. Porque liberar sem combate aos Eugen e Hirsch da direção de polícia, esse baluarte da revolução, teria sido uma derrota desonrosa. A luta foi imposta para o proletariado pelos bandidos de Ebert. E arrastou as massas berlinenses acima de toda dúvida e sem vacilar.

Sim, os operários revolucionários de Berlim foram derrotados! E os Ebert-Sheidemann-Noske venceram. Venceram porque o generalato, a burocracia, os

aristocratas de chaminé e dos campos, o clero e seus sacos de dinheiro e tudo o que é estreito, mesquinho e atrasado, os ajudaram. Venceram com cartuchos, bombas de gás e lança granadas.

**Mas existem derrotas que são vitórias; e vitórias mais fúnebres do que muitas derrotas.**

Os derrotados da semana sangrenta de janeiro resistiram gloriosamente, combateram por algo grandioso, pelo objetivo mais nobre da humanidade sofrente, a libertação material e intelectual das massas pobres; derramaram, por esse fim sagrado, seu sangue, desse modo se santificou. E de cada gota deste sangue, essa semente de dragão para os vencedores de hoje, surgiram vingadores dos caídos: de cada fibra desgarrada, novos lutadores da grande causa, que é eterna e imperecível como o firmamento.

Os vencidos de hoje serão os vencedores de amanhã. Porque aprendem com a derrota. Porém, o proletariado Alemão carece de tradições e experiências revolucionárias. E somente com tentativas de tatear e erros juvenis, dolorosos contratemplos e fracassos, se pode adquirir a experiência que garanta o êxito futuro.

Para as forças vivas da revolução social, cujo crescimento interrompido é uma exigência da lei do desenvolvimento social, uma derrota é um estimulante. E de derrota em derrota, seu caminho conduz para a vitória.

Mas, e os vencedores de hoje? Executaram seu infame trabalho sangrento para uma causa infame. Para os poderes do passado, para os inimigos mortais do proletariado. E já são inferiores! Porque hoje são prisioneiros daqueles a quem pensavam que poderiam instrumentalizar, mas de quem já eram de fato os instrumentos.

Dão seu nome à missão, mas lhes restam um curto período de graça. Já estão na forca da história. Jamais houve no mundo um Judas como eles, que não somente traíram o mais sagrado que tinham, senão que também que nos cravam com suas próprias mãos na cruz. Do mesmo modo que em agosto de 1914 a social-democracia oficial da Alemanha caiu mais abaixo do que qualquer outra, agora apresenta, no alvorecer da revolução social, a imagem mais abominável.

A burguesia francesa se viu obrigada a tomar de suas próprias fileiras os carneiros de junho de 1848 e de maio de 1871. A burguesia alemã não precisou preocupar-se: são os “social-democratas” quem realizaram o trabalho sórdido, desprezível, covarde, sangrento: o seu Caivagnac, o seu Gallifet, o seu Noske, o “Deustche Arbeiter”.

O soar dos sinos chamou para o massacre: música e lenços ao vento, gritos de vitória dos capitalistas salvos do “horror bolchevique”, comemoram a soldadesca salvadora. A pólvora ainda está fumegante, ainda arde o incêndio da matança dos operários, os mortos estão estendidos no chão, e gemem os proletários feridos. E os Ebert, Scheidemann e Noske passam em revista às tropas assassinas, inflamadas por seu orgulho vitorioso.

Semente de dragão! O proletariado mundial lhes dá as costas, estremecidos, a eles que se atreveram a estender para a Internacional suas mãos sujas com o sangue dos operários alemães! Agora são rechaçados com repulsão e desprezo, inclusive por quem, no vendaval da guerra mundial, traíram eles mesmos com os deveres do socialismo. Contaminados, excluídos das filas da respeitável humanidade, expulsos da Internacional, odiados e abominados por todos os operários revolucionários, assim estão diante do mundo.

E toda a Alemanha se submerge por sua culpa na desonra. Traidores dos irmãos, fratricidas, governam ao povo alemão. Meu caderno, o que devo escrever! Oh, sua magnificência não durará muito: um período de graça e serão julgados!

Um incêndio lança seus argumentos sobre milhões de corações, um incêndio de indignação! A revolução do proletariado, a que quiseram afogar em sangue, se alçará sobre si mesma, gigantesca. Sua primeira consigna será: Abaixo aos assassinos de operários Ebert-Scheidemann-Noske!

Os espancados de hoje aprenderam. Estão curados da ilusão de que poderiam encontrar sua salvação na ajuda das massas confusas de soldados; curados da ilusão de que poderiam confiar em seus chefes, que se revelaram frágeis e incapazes; curados da confiança na Social-Democracia Independente, que os abandonaram vilmente. Contando somente com eles próprios, farão suas futuras batalhas, alcançarão suas futuras vitórias. E a frase: “a emancipação da classe trabalhadora é obra da própria classe trabalhadora”

adquiriu para eles, por causa da amarga lição desta semana, um novo e profundo significado.

E também os soldados enganados compreenderam logo para qual jogo lhes empurraram, quando sentam de novo sobre eles o chicote do militarismo reestabelecido; também eles despertaram da embriaguez a que tinham sido submetidos.

“Spartakus vencido!” Devagar! Nós não fugimos, não estamos derrotados! Inclusive se nos acorrentam, estamos aqui, e aqui permaneceremos! E a vitória será nossa!

**Porque Spartakus significa: fogo e inteligência, ou seja, alma e coração, quer dizer, vontade e ação da Revolução do Proletariado. E Spartakus significa todas as misérias e aspirações à felicidade, toda a determinação para a luta do proletariado com consciência de classe. Porque Spartakus significa socialismo e revolução mundial.**

A marcha para o Gólgota da classe operária alemã não terminou, ainda, mas o dia da libertação se aproxima. O dia do juízo para os Ebert-Scheidemann-Noske e para os poderosos capitalistas que hoje se escondem por detrás deles. Até a altura do céu golpeia as ondas dos acontecimentos: estamos acostumados a ser jogados do cume às profundezas.

Mas o nosso barco segue firme e orgulhoso, certo do seu rumo, até o objetivo final.

E, espero que ainda estejamos vivos quando ocorra, nosso Programa viverá, regerá o mundo da humanidade emancipada. Apesar de tudo!

Sob o estrondo do naufrágio econômico que se aproxima, as massas ainda sonolentas do proletariado despertarão como se ouvisse as trombetas do juízo final, e os cadáveres dos lutadores assassinados ressuscitarão e exigirão contas dos malditos. Hoje, entretanto, o bramido subterrâneo do vulcão; amanhã haverá a erupção que os enterrará sob todas as cinzas e rios de lava incandescente.